



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de inauguração da ponte sobre o Rio Jequitinhonha e lançamento do Programa *Luz para Todos* em Minas Gerais**

**Itinga, MG, 26 de março de 2004**

Meus companheiros e companheiras de Itinga e das cidades que compõem o Vale do Jequitinhonha,

Meu caro companheiro e governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,

Meu caro companheiro Alfredo Pereira do Nascimento, ministro dos Transportes,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu caro companheiro Nilmário Miranda, secretário especial de Direitos Humanos,

Meu caro senhor Heitel Pego, prefeito de Itinga,

Minha querida Cacá, prefeita de Araçuaí,

Meu caro Roger Agnelli, presidente da Companhia Vale do Rio Doce,

Meu caro companheiro e amigo Rinaldo Soares, presidente da Usiminas,

Meu caro senador Hélio Costa,

Meu caro senador Eduardo Azeredo,

Meu caro companheiro Anderson Adauto, ex-ministro dos Transportes, hoje deputado federal e um dos companheiros que trabalhou imensamente para que essa ponte fosse construída. Portanto ele merece todas as homenagens do povo de Itinga.

Meu caro deputado Carlos Mota,

Meu caro deputado Leonardo Monteiro,

Meu caro deputado Athos Avelino,



Deputado Isaías Silvestre,  
Meu caro companheiro Virgílio Guimarães,  
Vereadores aqui presentes,  
Meu caro Dom Enzo, que está ali, em pé,

Eu quero começar dizendo para vocês que é uma alegria voltar a esta região e voltar, sobretudo, com muitos amigos aqui.

Eu quero pedir para vir aqui, à frente, o companheiro José de Filippi, prefeito de Diadema, em São Paulo; o nosso companheiro Cláudio, que é o presidente do hospital Albert Einstein; e o companheiro Jack Terpins, presidente da Comunidade Judaica do Brasil, apenas para prestar uma homenagem, porque o prefeito de Diadema, os companheiros do Hospital Albert Einstein e a Comunidade Judaica, logo depois que nós passamos aqui, no ano passado, em janeiro, assumiram a tarefa e o gostoso compromisso de adotarem Itinga como a cidade que eles iriam ajudar a cuidar.

Eu quero, antes de falar – porque o Presidente não tem tempo limitado para falar, apenas o bom senso é que controla o seu tempo –, eu quero que o companheiro Filippi diga aqui, em poucas palavras, o que Diadema está fazendo para Itinga.

**Prefeito José de Filippi:** Presidente Lula, minha saudação a todos os amigos e amigas aqui de Itinga, do Vale do Jequitinhonha,

Minha saudação ao Governador e demais autoridades,

Nós estamos desenvolvendo, posso dizer, um aprendizado, como o prefeito Heitel, sua equipe. Nós tivemos, logo em fevereiro, a assinatura do convênio, os vereadores estiveram aqui. Nós tivemos equipes também que tiveram contato aqui com Itinga, o pessoal de Itinga esteve em Diadema. Nós já mandamos dois ônibus para o transporte escolar aqui da cidade, tivemos o



treinamento de funcionários da área da saúde que visitaram o nosso hospital em Diadema e estamos desenvolvendo agora um estudo na área tributária, para que possamos também contribuir com avanços para a modernização e um aprendizado conjunto das duas prefeituras irmãs, Diadema e Itinga. É isso, Presidente.

**Presidente:** Vamos ver agora o que o Cláudio, que é o nosso companheiro que saiu da Avenida Paulista, do Albert Einstein, para vir a Itinga. Dizem que ele não tinha nem noção de como era Itinga, nem muito menos como era o Vale do Jequitinhonha. O que vocês estão fazendo com Itinga?

**Cláudio:** Quando o Presidente nos convidou para fazer parte do Conselho de Segurança Alimentar, junto com o ministro Graziano, nós, em nome da Comunidade Judaica do Brasil e o presidente Jacques Ferpens aqui viemos, desenvolvemos um estudo para levantar as necessidades da cidade de Itinga. Inicialmente demos água, mandamos cestas básicas, fizemos um trabalho de treinamento na parte de educação para as escolas e, posteriormente, entregamos uma ambulância para ser utilizada na região de Itinga.

Certamente Presidente, eu acho que isso aqui é um exemplo especial dentro das nossas vidas. Nós falamos muito sobre cidadania, falamos dos nossos direitos. Está na hora, graças ao senhor, de falar em solidariedade, que é ajudar o povo e é isso que nós estamos procurando fazer aqui em Itinga, junto com esta cidade, junto com este pessoal maravilhoso que merece ter acesso a tudo aquilo que nós, do lado de lá, como o senhor disse, na Avenida Paulista, temos.

**Presidente:** Vamos ver o que a nossa Comunidade Judaica está fazendo aqui no Vale do Jequitinhonha.



**Jack Terpins:** Nós vamos fazer tudo que o Presidente mandar fazer. A comunidade tem um grande orgulho e o privilégio de poder se associar ao governo federal, ao governo estadual e à prefeitura de Itinga neste trabalho do Jequitinhonha.

Vamos continuar trabalhando em tudo que for do nosso alcance. Muito obrigado.

**Presidente:** Olhem, meus amigos, eu quero dizer para vocês que há muitos anos eu freqüento o Vale do Jequitinhonha. Há muitos anos. Da mesma forma que há muitos anos eu freqüento o Vale do Mucuri, o Vale do Rio Doce, o Vale do Aço e todos os vales que Minas Gerais recebeu da natureza.

Mas uma coisa me chama a atenção no Vale do Jequitinhonha, possivelmente pela semelhança com a minha região no estado de Pernambuco: um povo altamente inteligente, um povo com uma capacidade cultural excepcional, mas um povo numa região empobrecida econômica e financeiramente.

Eu sei que, por conta disso, o meu apego ao Vale do Jequitinhonha é de tamanha ordem que, quando a Cacá ganhou as eleições para prefeita, havia várias capitais importantes às quais eu poderia ir à posse. Eu estava de férias em Angra dos Reis, era o dia primeiro de janeiro e eu, ao invés de ir à posse de algum companheiro numa capital, resolvi pegar um aviãozinho, um Sêneca, saí de Angra dos Reis e vim a Araçuaí para a primeira posse da companheira Cacá, numa homenagem, que eu queria demonstrar, de solidariedade ao povo do Vale do Jequitinhonha.

Eu já vim aqui, em Itinga, outras vezes. Eu me lembro de uma cena, Governador, quando, na Caravana, em 1993, nós passamos aqui e fomos almoçar. Eu me lembro que nós fomos almoçar numa escola e a comida era feijão, arroz e frango assado. E me lembro que, depois, uma parte da Imprensa brasileira escreveu que nós tínhamos atrapalhado a comida das crianças na



escola, por termos almoçado lá depois do jornalista ter comido junto conosco. Foi uma coisa muito desagradável, o companheiro Solano era prefeito da cidade. Está ali o nosso companheiro Solano. E esta cidade aqui me marcou. O companheiro Darraia foi o primeiro barqueiro que atravessou comigo, aqui, em 1993. Quando eu disse ao Darraia que ia fazer essa ponte, ele certamente não acreditou porque essa ponte já foi prometida há pelo menos uns 300 anos e essa ponte não saía.

Eu tive a oportunidade, não apenas de atravessar de barco mas, até por curiosidade, de pegar aquele tronco que o companheiro que carregava a balsa usava, e que ficava empurrando a balsa. E o que me marcou é que ele tinha um caroço embaixo do braço, que era uma marca causada pelo fato de ele encostar o pau no braço. E eu fiquei imaginando, não é possível que um ser humano tenha uma situação dessas e ninguém se lembre de fazer sequer uma pinguelazinha como aquelas que a gente via nos filmes de Tarzan, aquelas pontes de cordas, em que ele e a Jane costumavam pular para cima e para baixo. Não é possível que esse povo não tenha o direito de ir e vir, não é possível que alguém, ao longo da História, não se lembre, porque toda vez que vai se construir uma obra, no Brasil, normalmente coloca-se duas questões: se a obra tiver retorno econômico, aí ela vira prioridade; se ela não tiver retorno econômico, apenas retorno social, ela não é tão prioritária.

O que eu estou dizendo, aqui, eu disse ao meu querido, falecido, governador Mário Covas, quando visitei um quilombo, em São Paulo, em Vaporanduva, lá no Vale do Ribeira. Lá morava uma comunidade de umas 300 famílias, num lugar muito pobre e que, para as crianças virem para a escola, tinham que atravessar de canoa um rio cheio de pedras, com uma correnteza enorme. E eu disse ao companheiro e governador, falecido, Mário Covas: Mário, pelo amor de Deus, não é possível que a gente não possa fazer uma ponte ali, por mais barata que seja. Eu ainda não conhecia a Vale do Rio Doce, nem a Usiminas, porque senão teria pedido para vocês fazerem e a gente teria



essa ponte lá.

Da mesma forma que o querido Darraia não acreditava que essa ponte ia sair, eu tenho certeza que muita gente, quando nós viemos aqui, em 1993, também não acreditava: “É, eles estão passando aqui agora, vão embora e vão esquecer a ponte.” Hoje nós estamos aqui com companheiros senadores, deputados, prefeitos, ministros, governadores. É até difícil a Imprensa vir a ltinga, ou seja, a nossa vinda aqui é muito menos por conta da fotografia, mas pela finalidade do que a gente quer fazer. Nós não fazemos distinção no investimento do dinheiro público. O que nós fazemos é uma definição de prioridade social.

É por isso que os documentos e os protocolos que assinamos aqui não serão letra morta, porque nós iremos anunciar e depois iremos inaugurar cada coisa que estamos garantindo aqui. Eu me lembro e fiquei feliz, porque sei que agora vai ser levada luz para a escola da Família Agrícola, uma escola que eu visitei em 1993, onde as crianças saem de casa, passam uma semana inteira, depois voltam e passam uma semana em casa. É um jeito de fazer as crianças do campo estudarem sem precisar gastar muito dinheiro, evitando delas não serem colocadas na escola por conta do transporte.

Eu me lembro que o senador Eduardo Azeredo era governador do Estado e nós passamos 16 dias, aqui, fazendo um trabalho para discutir o novo modelo de desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha que, aliás, está ali na mão do companheiro e é um documento minucioso porque envolveu tudo que tinha de especialistas aqui na área.

Eu fui entregar para o governador Eduardo Azeredo o projeto e depois conversei com o governador Itamar Franco. Eu não sei o que foi colocado em prática, mas o dado concreto é que essa região merece uma atenção toda especial.

Porque em qualquer região do Brasil, o Vale, por exemplo, a região de Uberlândia, de Uberaba, o Triângulo Mineiro, o Sul de Minas Gerais, muitas



vezes o governador não tem que investir muito dinheiro porque a região é tão atrativa, do ponto de vista da capacidade e da produtividade, que os empresários investem dinheiro porque sabem que terão retorno.

Mas, numa região como esta, se não houver o dedo do Governo, não haverá nenhum desenvolvimento. Ou seja, tem lugar em que o desenvolvimento começa e o Governo vai atrás, e tem lugar em que o Governo é que tem que começar para que o desenvolvimento depois acompanhe.

Essa região, aqui, eu concordo com as palavras do Governador, tem que ser prioridade. É por isso que nós estamos pensando, junto com a ministra de Minas e Energia, do ministério de Ciência e Tecnologia, com o ministério da Agricultura, com o ministério da Reforma Agrária e junto com os governadores em criar um grande programa de biodiesel para o Brasil. Esse programa de biodiesel é para tentarmos produzir o óleo da mamona, o óleo do babaçu para a região Norte do país; mas o biodiesel da mamona é, sobretudo, para criarmos desenvolvimento no semi-árido nordestino e no Vale do Jequitinhonha. Precisamos criar condições para que as pessoas possam produzir condignamente e não viver com o dinheiro da Bolsa Família que estamos entregando, mas condignamente, às custas do seu trabalho, porque é isso que dá orgulho a qualquer chefe de família.

Também quero dizer a vocês que há uma reivindicação antiga de uma universidade aqui na região. Eu, obviamente, não posso assumir compromisso apenas porque vi uma faixa ou porque alguém me disse no ouvido: Presidente nós precisamos de uma faculdade.

As responsabilidades de um governador, de um presidente, de um prefeito, devem ser tantas que eles não podem se deixar levar pelas facilidades em cada lugar e dizer: eu vou fazer. Não. Eu acho que é possível estudar, junto com o ministério da Educação, o que é possível fazer para que possamos trazer, num futuro bem próximo, a possibilidade da juventude dessa região ter



um lugar para estudar dignamente, sem precisar andar horas e horas de ônibus. Eu vou fazer este estudo com o maior carinho.

E quero dizer a vocês que a Câmara me fez uma homenagem que, possivelmente, eu não mereça, e uma pessoa não pode recusar uma homenagem, não pode recusar um prêmio, não pode recusar um elogio. Vocês colocaram, a Câmara colocou o nome da ponte de “Ponte Lula”, eu fico lisonjeado, agradeço do fundo do coração, mas eu gostaria que essa ponte – é apenas um pedido meu, se for possível, sem ferir ninguém – tivesse o nome de uma pessoa aqui da cidade, por exemplo, do barqueiro que vocês estão homenageando ali – o tio Nilo – que foi um companheiro que trabalhou muito aqui. Eu acho que foi a pessoa que, quem sabe, sonhou com isso a vida inteira, então, vocês poderiam prestar uma homenagem a ele, se vocês concordarem, e estarão me homenageando do mesmo jeito, pois eu me sentirei grato, recompensado, se esta ponte tiver o nome de um companheiro que é a cara da cidade de Itinga, que é a cara do rio Jequitinhonha e que é a cara de toda essa região. Se puderem fazer isso, eu agradeço. Não quero que isso se transforme numa polêmica, não, mas se estiverem de acordo, eu concordo.

Outra coisa é a questão do hospital da cidade. Eu participei, aqui, do lançamento da pedra fundamental desse hospital. Esse hospital foi um trabalho insano da comunidade. Eu sei que tem problemas políticos no hospital. Não vou discutir agora, mas vou pedir ao meu ministro da Saúde que mande alguém para que, junto com vocês, possam encontrar uma solução para que o hospital possa funcionar. É importante lembrar a vocês, e eu quero ser muito sincero, que manter um hospital funcionando é a coisa mais cara. Quem conhece de saúde sabe que manter um hospital funcionando é uma coisa cara. Muitas vezes a gente tem um prédio muito grande e não consegue fazer com que esse prédio tenha todos os equipamentos para funcionar.

Eu já tinha dito, naquele dia em que falei que o ministro da Saúde tinha





ido embora, mas vou pedir para alguém ligado à área da saúde para vir aqui para discutir junto com o secretário de Saúde do Governador, para ver se encontramos uma saída para fazer esse hospital funcionar da melhor maneira possível. Se não puder funcionar tudo, que funcione uma parte. Mas que o povo tenha um tratamento de decência, um tratamento respeitoso. Isso nós vamos tratar com muito carinho.

A outra coisa que nós vamos tratar com muito carinho, gente, é que tudo que nós pudermos fazer, do ponto de vista do governo federal, para contribuir com o governo do Estado, para que a gente traga possibilidade de desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha, para que a gente possa criar as condições de melhorar a qualidade de vida das pessoas, podem ter certeza que nós faremos, e eu queria que vocês acreditassem nisso. Eu quero que, quando vocês olharem aí de baixo para mim, não me vejam como Presidente, mas como companheiro de vocês, que não precisou ser Presidente para vir aqui, não precisou inaugurar ponte para vir aqui, ou seja, um companheiro que acredita que o Vale do Jequitinhonha, como terra abençoada por Deus, não está predestinada a ser uma região eternamente pobre. Essa região pode se desenvolver. E nós temos a responsabilidade de dar a contribuição.

E eu quero fazer justiça porque o governador Aécio Neves, desde a época da posse me disse: “Presidente, eu sei que o senhor gosta do Vale do Jequitinhonha, eu quero dedicar grande parte do meu esforço para ajudar o Vale do Jequitinhonha e quero a parceria do presidente da República.” Pois eu quero te dizer aqui, na frente desse povo mineiro, extraordinário: Não faltará nenhum momento em que o governo federal não esteja disposto a ajudar Minas Gerais, a ajudar o Vale do Jequitinhonha a se transformar numa região próspera e rica, porque esse povo merece.

Muito obrigado, meus companheiros, e que vocês possam desfrutar agora o direito de ir e vir, com muito mais facilidade.

Um aviso aqui: o prefeito, representando várias cidades, me deu um



documento sobre a nova Sudene. O Vale do Jequitinhonha faz parte do polígono da seca, portanto, ele está incluído em toda a política de desenvolvimento da Sudene. Eu só quero dizer ao prefeito que eu fui, agora, à Fortaleza, numa reunião com nove governadores. Nós assinamos um crédito de financiamento, através do BNB, de 3 bilhões e 800 milhões para financiar projetos no semi-árido nordestino, no Vale do Jequitinhonha e também no Vale do Mucuri, porque vocês sabem que a coisa mais fantástica de Minas Gerais é que Minas é um estado atípico. É o único estado brasileiro atípico, porque Minas tem um parte muito carioca, que é a parte de Juiz de Fora; tem uma parte muito paulista, que é o sul de Minas, começando por Extrema e que vai até Uberaba, Uberlândia; tem uma parte muito Brasília, começando por Unaí; tem uma parte muito nordeste, que é essa parte aqui, e que é a região norte de Minas Gerais; ou seja, Minas mesmo, é o Vale do Aço e é Belo Horizonte.

De qualquer forma isso demonstra o quê? Que Minas tem importância no Brasil, porque é um estado que tem essa conformação de gente ligada a outros estados. É a síntese daquilo que é o povo brasileiro. Até nisso Minas tem grandeza.

/rss/cms